



## **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E RELAÇÕES DE GÊNERO NAS SALAS DE AULA DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO EM PETROLINA – EXPERIÊNCIA DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.**

PONTES, Bárbara.  
Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea – UCSAL  
*babypontes@gmail.com*

72

### **RESUMO**

As relações de gênero perpassam todas as formas de socialização, não sendo pertinente aos educadores excluírem-se dessa abordagem, uma vez que a construção do conhecimento também se pauta nessa relação entre os sexos/gêneros. O objetivo dessa pesquisa e intervenção é tornar clara, através da realização de debates e dinâmicas, as diferenças relativas à construção dos gêneros, e como o sexo social interfere nas outras realizações humanas, bem como apresentar dados que favoreçam a compreensão dos docentes e discentes, para uma mudança nas suas práticas dentro e fora da sala de aula, associando a temática de gênero à prática pedagógica construtivista. O curto período de realização pode não ter possibilitado uma transformação nas representações cognitivas dos professores e alunos com relação ao tema, ou é possível até que essas alterações tenham ocorrido em alguns integrantes do grupo e não tivemos como mensurar.

**Palavras-chave:** Gênero, pedagogia construtivista, pesquisa e intervenção.

### **ABSTRACT:**

Gender relations permeate all forms of socialization, not being relevant to educators order to exclude this approach, since the construction of knowledge also is guided in this respect between the sexes / genders. The purpose of this research and intervention is becoming clear through debates and dynamics, the differences in the construction of gender, and how the social sex interferes with other human achievements, and present data that support the understanding of teachers and students, for a change in their practices inside and outside the classroom, combining the theme of gender to the constructivist pedagogical practice. The short period of realization may not have enabled a transformation in cognitive representations of teachers and students on the issue, or is it even possible that these changes have occurred in some members of the group and we could not measure.

**Key-words:** Gender, constructivist pedagogy, research and intervention.

As relações de Gênero perpassam todas as demais formas de socialização, seja econômica, política cultural, e se tem mostrado particularmente vital a sua pesquisa acadêmica nos diversos meios como forma de equacionar os problemas de desigualdade e exclusão consequentes de sua aparição.



Com o avanço das teorias feministas, a partir dos anos de 1970, fundamentadas no desenvolvimento das teorias pós-modernas que redefiniram o valor do sujeito universal, bem como o papel da linguagem na construção desse sujeito, redefinindo os conceitos de igualdade e diferença, foi possível reavaliar o lugar da ciência e do conhecimento na produção e reprodução das relações de poder no desenvolvimento dos grupos, sem mais desprezar a complexidade do ser e sua constituição diversa e integrada.

Assim, as questões relativas ao sexo e às diferenças produzidas e reproduzidas a partir desta percepção, bem como relações de poder estabelecidas a partir da definição de gênero, uma construção social do sexo, passam a fazer parte do interesse dos estudiosos das relações humanas, não sendo pertinente ao educador excluir-se desse tema, uma vez que a formação do conhecimento também se pauta nessa relação entre os sexos/gêneros.

Esse é um trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História. A importância dessa pesquisa e intervenção é tornar clara as diferenças relativas à construção dos gêneros, e como o sexo social interfere nas outras realizações humanas, bem como apresentar dados que favoreçam a compreensão dos docentes e discentes para uma mudança nas suas práticas, dentro e fora da sala de aula. Ao observar e analisar as relações de gênero que se firmam entre docentes e discentes, entre docentes e entre discentes, bem como os recursos e materiais utilizados (livros e imagens) que colaboram com a manutenção das relações de gênero, que também são relações de poder. Aos docentes que participaram desse projeto as informações e análises ajudarão a rever suas práticas pedagógicas e auxiliará na execução do plano de aula e na escolha do material didático, dando ênfase às questões de gênero. Em relação aos discentes essas informações poderão ser úteis na adoção de uma nova postura na sala de aula, possibilitando a emergência de uma outra relação entre os gêneros que se estenderá para além do âmbito escolar.

Essa pesquisa buscou levantar uma discussão sobre a questão de gênero e possibilitar aos docentes e discentes a percepção sobre as relações de Gênero e sua influência na dinâmica de ensino-aprendizagem. Assim, essa pesquisa é o resultado preliminar de observações feitas pelo grupo de extensão, bem como um relatório das atividades desenvolvidas pelo grupo em uma escola do Ensino Médio na cidade de Petrolina/PE, com docentes e discentes do 1º ano, tendo em vista que esses alunos e alunas já estão maduros para uma participação mais efetiva e independente na pesquisa, a partir



do Projeto de Pesquisa e Extensão Gênero na Sala de Aula, que foi elaborado e coordenado pela professora Dra. Andréa Bandeira, auxiliada pela coordenação da professora especialista Zélia Almeida de Oliveira, da Universidade Estadual de Pernambuco – UPE Campus III.

A análise de gênero adotada a partir do conceito de Joan Scott foi adotada para observar a prática pedagógica, bem como o discurso expresso no material didático, refletida nas ações/reações adotadas pelos docentes e pelos discentes nas salas de aula. Tal conceito obriga a refletir sobre as origens das predisposições para as relações de desigualdade que se formam e se fixam entre os sexos, e considerando relações de saber e poder, estas também são alimentadas nos espaços escolares, possibilitando o entendimento dos conflitos entre os sexos.

Ao longo dos séculos, particularmente no ocidente, as sociedades consideram as diferenças sexuais como fator determinante na construção da identidade do masculino e do feminino. Relegando ao feminino um espaço restrito na sociedade, ao espaço privado e doméstico, caracterizando sua função de esposa e mãe como naturalmente constituídas. Segundo Carole Pateman (1993) houve um contrato sexual prévio ao contrato social. Este contrato definiu o confinamento das mulheres ao mundo privado, visto como politicamente irrelevante, e os homens atuariam no público, lugar da liberdade civil, da política e do poder por excelência. A diferença sexual se converte então em diferença política.

No texto Gênero e História. Um diálogo possível? Ana Maria Colling coloca:

Equiparadas às crianças, mulheres são marcadas por uma sensibilidade e uma sexualidade excessivas, pela natureza de sua constituição. Tornam-se temidas pelo seu fascínio e sua irracionalidade, que a qualquer momento podem surgir, irromper. Como antídoto a este possível mal, resta o encarceramento no espaço doméstico sob a proteção masculina. As que resistem a esses preceitos ditados pela “natureza” – esposa e mãe – são acusadas de contribuir para o desmantelamento dos lares e da família. Fora do lar as mulheres são perigosas para a ordem pública. (COLLING, 1986, p.31).

Através dos séculos vários discursos corroboram com essa visão do feminino. Os discursos dos filósofos gregos legitimaram a sujeição da mulher por conta da sua “debilidade” natural e congênita. Para Aristóteles “a mulher é um homem imperfeito”. Segundo ele, dentre várias outras diferenças entre o homem e a mulher, esta possui um



cérebro menor e como todo ser inferior menor longevidade. Já Platão inaugura a “natureza feminina”, apresentando como primeiro desvio o nascimento de uma fêmea. Para Hipócrates, o útero é o centro das enfermidades femininas, sendo a mulher uma eterna doente.

A tradição Judaico-Cristã também colaborou de maneira decisiva na determinação da inferioridade feminina. Os relatos bíblicos sobre a criação da mulher e sua responsabilidade para a exclusão do homem do paraíso, sendo por isso castigada a parir seus filhos com dor e ser dominada pelo marido. O que a colocará sob constante vigilância e rigoroso confinamento doméstico. O catolicismo atribui à mulher a ideia do pecado e da impureza. Impondo aos padres a recusa da carne, da sexualidade e das mulheres.

No século XVIII o corpo da mulher se torna objeto de estudo da medicina que vem a confirmar, através de uma legitimidade científica os discursos preconizados desde Aristóteles. Atribuindo identidade à mulher a partir do seu útero, sendo esse a sede dos males femininos se sobrepujando ao intelecto. Cria-se a histerização do corpo feminino e a maternidade advém novamente como única saída. No discurso freudiano o feminino é definido pela negatividade em relação ao masculino. A mulher é o homem castrado. Inferiorizada pelo sentimento de inveja do pênis.

As leis ocidentais, por sua vez vieram a ratificar o lugar da mulher no universo do privado, sendo seu papel ideal o de esposa fiel, submissa e serviçal. Essa inferioridade legal é argumentada por uma inferioridade que perpassa desde a força física, até questões relacionadas com honra, moral e até uma suposta incapacidade intelectual. Transformando o casamento em anseio das mulheres.

O século XIX e as novas formas de produção assistiram ao advento da mulher em vários ramos da atividade produtiva e a um fervoroso debate sobre a compatibilidade do feminino com o trabalho assalariado. Tendo em vista que a atividade doméstica desenvolvida pelas mulheres, considerada como improdutiva ao invés de produtiva e não remunerada, que foi essencial para o processo de acumulação capitalista, nunca foi devidamente valorizada no campo econômico.

Destacar que o desenvolvimento das tarefas domésticas está longe de se constituir um trabalho improdutivo. Diversamente do que se pensa, trata-se de uma atividade produtiva e não remunerada a garantia de sua realização, juntamente com o trabalho feminino e infantil nas fábricas com sua baixíssima remuneração, por serem considerados como



complementares aos salários recebidos pelos homens adultos, proporcionou a acumulação e a reprodução ampliada do capital, num momento em que a industrialização ainda não apresentava os avanços técnicos que se verificarão mais tarde. (GONÇALVES, 2006, p. 43-44).

Porém a saída da mulher do santuário do lar não se deu de maneira simples. Os discursos para sua perpetuação dentro do lar eram respaldados pela medicina, pelos jornais, literatura, discursos políticos, dentre outros. Visto que “todas as profissões deveriam ser exercidas com a autorização dos maridos, como previsto no Código Civil, criando uma curiosa distinção entre as mulheres celibatárias, um pouco mais autônomas e aquelas que haviam contraído casamento”. (GONÇALVES, 2006, p. 35).

Historicamente o feminino também é entendido como subalterno, marginalizado. Tendo em vista que sua presença não é registrada. A história é escrita por homens, os construtores do saber. Porém, a historiografia tradicional tem sido revista desde o século XIX, com nos trabalhos do francês Michelet (1798-1874) ao reconhecer, em sua obra, A Revolução Francesa, as massas como único agente de transformação histórica marcada por feitos notáveis, heróis e grande personalidades como destacou Andréa L. Gonçalves.

A autora continua afirmando que Michelet destaca também o papel das relações entre homens e mulheres desempenharam na história, ressaltando o papel da relação dos sexos como motor da história. Mesmo situando a mulher numa categoria inferior à do homem, reafirmando a bipolaridade constituída desde a antiguidade entre homem/civilização e mulher/natureza e ratificando o lugar da mulher no universo do privado, não se ode negar que ele tenha voltado os olhos para uma história das mulheres.

Muito tempo se passou para que Simone de Beauvoir colocasse as desigualdades estabelecidas entre homens e mulheres não com a ênfase em fatores biológicos, supostamente naturais e sim como relações sociais hierarquizadas, construídas historicamente, em sua publicação O Segundo Sexo (1949).

A partir dessa discussão sobre como fazer uma história séria sobre a participação da mulher na história da humanidade, entra em questão a construção do conceito de gênero. “O conceito de gênero resulta de uma longa germinação e ideias extraídas das relações entre homens e mulheres e suas muitas vidas em comum.” (COSTA, 2003, p. 187).

Esse conceito vai passar por uma série de reformulações que vai desde substituto do termo “mulheres”, como para designar as relações sociais entre os sexos superando o



determinismo biológico, indicando as construções sociais, “criação inteiramente social das ideias sobre papéis próprios aos homens e às mulheres.” (SCOTT, 1991, p. 4). Sendo assim, gênero nessa definição se contrapõe ao biológico, referindo-se a categoria social que se impõe sobre um corpo sexuado, gerando dessa forma uma dicotomia entre gênero, socialmente constituído e sexo, biologicamente imposto. Numa reformulação pós-moderna o gênero aparece como uma categoria de análise, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (BANDEIRA, 2003, p.33). Que não mais se contrapõe a noção de sexo numa perspectiva natureza/sociedade.

Porém o conceito de gênero passa a ser visto como um significante das relações de poder entre os sexos. Essa construção de gênero operaria na sociedade nos mais diversos mecanismos pelos quais interagem as diversas reações de poder existentes na sociedade, tais como as representações sociais, as doutrinas, sejam elas religiosas, científicas, educativas, dentre outras. Dessa forma é perceptível que o conceito de gênero perpassa e também é perpassado por outros fatores sociais tais como a política e a economia.

A partir da compreensão do conceito de Gênero, conclui-se que a economia política do sexo faz parte de sistemas sociais totais, sempre costurados em arranjos econômicos e políticos. Conseqüentemente, a partir da análise de Gênero, observa-se a interdependência mútua da sexualidade, da economia e da política sem subestimar a total significação de cada uma na sociedade. (BANDEIRA, 2003, p.34).

Essa abordagem tem a preocupação em criar alguns conceitos que expliquem sem cristalizar não apenas as diferenças culturalmente criadas e de certa forma mantida entre os sexos, como também as conseqüências geradas por essas diferenças estabelecidas no campo material e social dos sexos.

## **1. A Pedagogia Construtivista e o Conceito de Gênero**

A Pedagogia Construtivista sintetiza as teorias progressistas que busquem vislumbrar os processos de construção do conhecimento, assim como, discutir a complexidade do processo de aprendizagem. Vários autores dedicaram-se a estudos nesta linha, tais como Piaget, Vygotsky, Henri Wallon, dentre outros.





Nessa concepção o conhecimento é construído a partir das experiências e pelas características próprias de cada sujeito, que passa por várias etapas nas quais organiza de maneiras diversas o pensamento e a afetividade. Segundo Aranha,

A criança não é passiva nem o professor é um simples transmissor de conhecimento. Nem por isso o aluno dispensa a atuação do mestre e dos companheiros com os quais interage. Mais propriamente o conhecimento resulta de uma construção contínua, entremeada pela inversão e pela descoberta. (ARANHA, 2003, p. 27).

A concepção construtivista da pedagogia articula princípios que possibilitam algumas atitudes referentes ao ensino, tais como o diagnóstico, o julgamento e a tomada de decisões necessárias em situações educativas para que se alcance a meta pré-estabelecida. Fornecendo instrumentos de análise e reflexão sobre a prática pedagógica, sobre as maneiras mais eficazes de aprender e ensinar. Não ignorando as vinculações entre aprendizagem cultura e desenvolvimento. Atentando para o caráter institucional da escola, que como organização estruturada está a serviço de determinados fins.

Tendo em vista que o objetivo primordial da educação é efetivar a aprendizagem dos conteúdos propostos, é preciso pensar numa escola preparada para trabalhar com a diversidade do seu público. “Planejar, proporcionar e avaliar o currículo ótimo para cada aluno, no contexto de uma diversidade de indivíduos que aprendem é extremamente necessário” (WILSON, 2006, p.15). Para tanto é imprescindível que o professor reflita sobre sua prática cotidiana, compreendendo as exigências de sua função, tais como “poder atuar e poder refletir sobre a atuação, o que, por sua vez, torna necessários alguns referenciais que permitam a análise e a melhoria”. (SOLÉ & COLL, 2006, p. 17).

Os conhecimentos oferecidos aos alunos não são incorporados de maneira pacífica e sim de maneira ativa, sendo assim, para que haja um aprendizado significativo dos temas propostos é preciso que se parta do pressuposto que o aluno não é uma tabula rasa pronto para absorver através da repetição e da observação dos conhecimentos prévios, adquiridos na vida pré e para escolar, tornando necessário atribuir novos significados a esses conhecimentos e até mesmo modificá-los “construindo um significado próprio e pessoal para um objeto de conhecimento que existe obviamente.” (SOLÉ & COLL, 2006, p. 20).

Assim, o construtivismo assume que na instituição escolar os alunos aprendem e se desenvolvem na medida em que podem construir significados adequados em torno dos



conteúdos que constroem o currículo escolar. Essa construção inclui a contribuição ativa do aluno com seus conhecimentos prévios interagindo com o professor que atua como um mediador.

É preciso atentar também para o fato que existe uma relação direta entre aspectos cognitivos e aspectos afetivo-relacionais no processo de construção de conhecimento. Para que o aprendizado aconteça é necessário construir significados sobre os conteúdos do ensino. Portanto,

Intervêm na aprendizagem numerosos aspectos de tipo afetivo-relacional, [...] a aprendizagem e o sucesso com que venhamos a resolvê-los desempenha um papel definitivo na construção do conceito que temos de nós mesmos (auto-conceito) e, em geral em todas as capacidades relacionadas com o equilíbrio pessoal. SOLÉ, 2006, p. 32).

Dessa forma, ao aprendermos, forjamos nossa forma de ver o mundo, de ver-nos e de nos relacionarmos. O processo educacional está ligado à motivação, tanto intrínseca quanto extrínseca, ao autoconceito que inclui um vasto conjunto de representações tais como imagem, juízos e conceitos que temos sobre nós mesmos, englobando aspectos corporais, psicológicos, sociais e outros. Assim o autoconceito inclui a auto-estima, havendo influência mútua entre os resultados escolares e esta, propiciando um meio cada vez mais ou cada vez menos favorável à educação.

O autoconceito é aprendido no decorrer das experiências sociais, nas relações interpessoais, tendo em vista que é através dos outros que a pessoa vai formando uma visão de si mesma. Solé, citando Coll e Miras, assinala sobre as representações que os professores têm dos seus alunos, o que pensam ou esperam deles, funcionam como um filtro para interpretar e julgar um comportamento, gerando algumas expectativas que podem chegar a modificar a atuação dos alunos no sentido por elas indicados. (SOLÉ, 2006, p. 42).

No caso do professor o que os leva a formar esta ou aquela representação do aluno é a proximidade que o mesmo tem da sua imagem de um aluno ideal, variável para cada professor, porém com algumas características que são socialmente compartilhadas tais como respeito, interesse, esforço, participação, frequência.

É preciso acrescentar a isso variáveis relacionadas ao aspecto físico dos alunos [...] e aos estereótipos ligados ao sexo, que levam a prevê uma maior competência dos alunos em função do sexo em determinadas áreas curriculares, bem como diferenças no respeito a normas escolares. (SOLÉ, 2006, p. 42).





No que se refere a este tema percebemos que há uma tendência maior a se esperar das meninas um maior respeito às normas e uma participação menos crítica com relação aos conteúdos.

Em função dessas expectativas preconcebidas, muitas vezes o professor proporciona aos alunos, mesmo que de maneira inconsciente, tratamentos educativos diferenciados, que se traduzem em diversas atitudes de estímulo ou não, variando inclusive as causas que o mesmo atribui aos seus êxitos e seus fracassos. No que se refere aos bons alunos os êxitos são atribuídos a causas internas, tais como a capacidade e os fracassos são atribuídos a causas externas tais como a complexidade das tarefas propostas. O contrário ocorre com relação aos alunos que não são considerados tão bons, atribui-se os fracassos a causas internas, tais como desinteresse ou incapacidade, e os êxitos a causas externas como simplicidade da tarefa ou até mesmo causas internas instáveis como esforço momentâneo.

Sabemos, no entanto, que os conceitos de bons e maus alunos são perpassados pelas questões de gênero, assim como por questões econômicas e raciais, portanto no presente trabalho, nos limitaremos às questões de gênero e como isso pode vir a interferir no desempenho de alunos e alunas.

## **2. Metodologia - registro da experiência do trabalho de extensão**

A equipe do Projeto de Pesquisa e Extensão Gênero na Sala de Aula, era composta pela Professora Dr.<sup>a</sup> Andréa Bandeira, que elaborou e coordenou o projeto, auxiliada pela professora Especialista Zélia Almeida de Oliveira, ambas professoras do curso de Licenciatura em História da UPE – Campus três e por alguns alunos deste curso. O objetivo do trabalho era realizar um estudo bibliográfico sobre a temática de Gênero que embasasse algumas dinâmicas, propostas como fonte de diálogo sobre o tema com um grupo de professores e alunos de uma Escola Pública de Petrolina/PE. O trabalho foi realizado com os grupos separadamente, docentes e discentes. E tinha como objetivo que as discussões contribuíssem para elaboração do plano de aula, escolha do material didático e práticas pedagógicas que levassem em conta as questões de Gênero, com o grupo dos docentes e percepção das construções sociais impostas aos sexos por parte dos



discentes. Após este trabalho foram realizados encontros com os integrantes do grupo de pesquisa para analisar os encontros com os grupos pesquisados. A análise levou em consideração o conceito de gênero levantado, combinado à teoria do construtivismo, também supracitada, para observar o resultado das dinâmicas propostas.

Como o grupo de docentes o trabalho foi iniciado com a apresentação da Equipe de pesquisa, do Projeto e da bibliografia. Realizou-se a dinâmica das qualidades<sup>1</sup>, dando início a discussão O que é gênero?, trabalhamos num segundo momento sobre a questão Como se constrói a identidade? Debatendo sobre os recursos didáticos. Posteriormente tratamos sobre Como a Sala de Aula possibilita a Inclusão Social? Para abordar novamente questões referentes ao Plano de Aula e o Livro Didático. E finalmente a aplicação de um questionário para analisar os resultados da intervenção.

Com o grupo dos discentes o trabalho começou com a Dinâmica das Qualidades e leitura do texto Você e o Outro<sup>2</sup>. Em outro encontro foi feita a leitura do livro “Coisa de Menino Coisa de Menina” da professora Rossana Ramos<sup>3</sup> para iniciarmos a discussão sobre gênero. Num terceiro encontro foi realizada a dinâmica “Amor e Vida”<sup>4</sup>. E no último encontro aplicação do questionário para analisar os resultados da intervenção.

---

<sup>1</sup> A dinâmica corresponde a formação de um círculo entre os participantes da dinâmica, distribuição de uma folha de papel em branco para cada integrante, pedir para que dobrem uns três centímetros do papel e coloquem seu nome e em seguida passar o papel para a pessoa da sua direita, cada pessoa coloca uma qualidade para o nome que está na folha e passa adiante até que a folha volte para a pessoa que colocou o nome. Cada pessoa faz uma leitura silenciosa das qualidades recebidas e circula as qualidades com as quais se identifica, apresentando então para o grande grupo.

<sup>2</sup> “O **outro** é aquele que você encontra no caminho ou que convive com você em sua casa, no trabalho e em qualquer lugar. O **outro** também é aquele que você não cumprimenta e mesmo vendo-o não pensa nele nem se preocupa com ele. Você sabe que é o **outro**? O **outro** é aquele que colabora com você em tudo que você faz, em tudo que você usa e em tudo que você utiliza. O pão que você come, a roupa que você veste, o transporte que você usa, a casa onde você mora, o emprego que tem ou o empregado que você precisa e tantas outras coisas úteis ao seu progresso, só se tornam possíveis porque o **outro** existe. O **outro** é aquele que colabora com você e completa você com a grandeza do universo, na família, na escola, na igreja, na comunidade e no trabalho. O **outro** é aquele que lhe ajuda a crescer mesmo que você não pense nele nem aceite isso. O **outro** é aquele com quem você deve colaborar durante toda a sua vida para construir um mundo feliz para todos. **Você e o outro** se completam na construção do bem comum e não podem se odiar nem viver isolados porque o mundo ficaria mais pobre e triste. **Você e o outro** devem caminhar unidos para desempenhar o trabalho que completa a beleza da criação. Pense no outro e as coisas começam a mudar. Para construir e progredir melhor, você precisa do outro e o outro precisa de você. No ato de julgar, pense no outro e se coloque no lugar dele. Se você fala, pense no outro e permita que ele transmita a opinião que tem. Se você dispõe do necessário para viver, não se esqueça de lutar para que o outro também consiga. Se você gosta de ser respeitado, lembre-se de respeitar o outro. Se você tem poder, veja que a legitimidade do poder só se justifica quando é útil ao outro. Se você gosta de ser tratado com fraternidade, não pode esquecer nunca que o outro é seu irmão.”

<sup>3</sup> RAMOS, Rossana. Coisas de Menino Coisas de Menina. Fortaleza: Imeph, 2006.

<sup>4</sup> Divide-se a turma em pares, uma pessoa será a Vida e a outra o Amor. Lê-se o texto: Amor: Oi! Pergunte para a vida qual é o nome dela.



### 3. Análise do trabalho de extensão – resultados e conclusão

O presente trabalho funcionou como uma atividade piloto, tendo em vista além do seu caráter experimental, se tratar de uma experiência inicial que poderá servir de base para futuras intervenções e novos trabalhos de extensão.

Esse trabalho apresentou alguns aspectos que precisam ser superados e até mesmo suprimidos nas próximas experiências, tais como: o curto período de tempo e intervenção pode não ter possibilitado uma transformação nas representações cognitivas dos professores com relação ao tema, isso resultou na ausência de alterações atitudinais dos mesmos. Ou é possível até que essas alterações tenham ocorrido em alguns integrantes do grupo e não tivemos como mensurar.

O fato é que apesar do tema do presente trabalho está previsto inclusive pelos Parâmetros Curriculares Nacionais PCN's, percebemos que o assunto não é do domínio do professor, muitos deles continuam reafirmando e reestabelecendo os paradigmas da hierarquização entre os gêneros mesmo sem se dar conta de tais atitudes. A bibliografia indicada para os encontros com os docentes, não foi lida pela maioria do grupo. Que manteve inalterado o comportamento cotidiano no que se refere ao assunto discutido.

Com relação aos alunos, os mesmos conseguiram captar em linhas gerais do que se tratava o trabalho, porém não houve uma transformação real nos seus conceitos e consequentemente em seus comportamentos prévios à realização da pesquisa. Visto que

---

Vida: Oi! Pergunte para o amor qual é o nome dele.

Amor: Oi! Demonstre para sua vida como você está feliz e dê um abraço nela.

Vida: Oi! Pegue na mão do seu amor.

Amor: Oi! Pergunte para sua vida se ela tem outro amor.

Vida: Oi! Pergunte para seu amor se ele tem outra vida.

Amor: Oi! Pergunte para sua vida qual o significado do amor para ela.

Vida: Oi! Comece a chorar.

Amor: Oi! Não deixe sua vida chorar, conforte-a.

Vida: Oi! Você ficou triste? Alegre-se

Amor: Oi! Não deixe sua vida escapar, segure-a pela mão.

Vida: Oi! Liberte-se dessa dor e vá em busca de outro amor.

Amor: Oi! Pergunte para sua nova vida qual o seu nome.

Vida: Oi! Não seja ingrata, demonstre que está feliz, abrace seu novo amor.

Amor: Oi! Fale para sua nova vida que você está muito feliz em vê-la.

Vida: Oi! Seu verdadeiro amor a chama, volte para o seu primeiro amor.

Amor: Oi! Fale para sua vida que estava com muita saudade.

Vida: Oi! Fale para o seu amor que está muito feliz em vê-lo.

Amor: Oi! Bata palmas para sua vida.

Vida: Oi! Faça o mesmo também, bata palmas para o seu amor.

Amor e Vida: Oi! Batam palmas porque só assim podemos ver estas duas coisas que são muito importantes para o ser humano.



nos discursos muitas vezes respondia o que achavam ser a resposta correta, mas quando indagados sobre suas ações cotidianas respondiam de maneira contrária ao discurso, ou simplesmente assumiam um comportamento machista afirmando ser a maneira certa de proceder. Muitos deles captaram as questões de gênero no que se refere aos comportamentos sexuais, previstos para cada sexo, não conseguindo transcender para o porquê das coisas serem assim, ou até mesmo quando a questão dos “porquês” era raramente abordada, as respostas eram bem tradicionais: religião (Bíblia e seus mandamentos), biologia (força física e gestação).

Normalmente estavam demonstrando um comportamento tradicional. Na dinâmica das Qualidades, por exemplo, podemos perceber que as qualidades ofertadas às meninas eram muito mais atribuídas às questões sexuais que as atribuídas aos meninos. Confirmando o pensamento de Judith Butler (2003) que a mulher se encontra na posição de objeto do desejo enquanto o homem se encontra como sujeito do desejo, não havendo inversão dessas posições. Já na dinâmica “Amor e Vida” podemos perceber que as meninas se sentem muito mais a vontade em demonstrar afeto, inclusive por colegas do mesmo sexo, do que os meninos, mantendo um padrão sócio-cultural antigo, no qual os meninos não devem se permitir arrebatados por certos sentimentos, sendo uma demonstração de fraqueza, de fragilidade, permitida unicamente às meninas.

## Referências

ARANHA, Maria da Graça, 1996, p. 202 apud RODRIGUES, Almir Sandro et AL. *Teorias da Aprendizagem*. Curitiba: IESDE, 2003, p 27.

BANDEIRA, Andréa. *As Beatas de Ibiapina: do mito à narrativa histórica. Uma análise histórica usando a Abordagem de Gênero sobre o papel do feminino nas Casas de Caridade do Padre Ibiapina (1860-1883)*. Dissertação em História. Recife: UFPE, 2003, p 23.

BRASIL, Secretaria de Ação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos: temas transversais*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998

BUTLER, Judith P. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



COLL, César et AL. *O Construtivismo na Sala de Aula*. São Paulo: Ática, 2006, p 15.

COLLING, Ana Maria. “Gênero e História. Um diálogo possível?” In: *Contexto e Educação: Revista e Educación em América Latina y el Caribe*. Universidade de Ijuí/Aleac. V. 1, n.1 (1986). Ijuí: Unijuí, 1986.

COSTA, Suely Gomes. “Gênero e História”. In: ABREU, M. e SOIHET, R. (orgs.) *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil para análise Histórica*. Recife: SOS CORPO, 1991.

SOLÉ, Isabel. “Disponibilidade para Aprendizagem e Sentido da Aprendizagem.” In: COLL, César et AL. *O Construtivismo na Sala de Aula*. São Paulo: Ática, 2006 p 32.

WILSON, J. D. 1992 *apud* SOLÉ, Isabel e COLL, César. “Os professores e a Concepção Construtivista.” In: COLL, César et AL. *O Construtivismo na Sala de Aula*. São Paulo: Ática, 2006, p 15.